

## Gênesis 2-3 e Seu Averso: Uma Abordagem Antropológica

Paulo de Lima Portes\*

### Resumo

Este ensaio apresenta o livro *Apocalipse de Moisés (Vida Grega de Adão e Eva)* como o avesso do texto de Gênesis 2-3. Tenta entender como a mudança de natureza do mundo, da vida e, principalmente, do ser humano, supostamente presente em Gênesis, na verdade faz parte de um desenvolvimento teológico fácil de ser visto no *Apocalipse de Moisés*. Tenta entender de que maneira termos como “paraíso” e “queda” chegaram até nós pelo mesmo caminho do avesso de Gênesis.

**Palavras-chave:** Gênesis, Antropologia, Pseudepígrafos, Homem, Mulher, Paraíso, Queda.

### Abstract

This essay presents the *Apocalypse of Moses (Greek Life of Adam and Eve)* as the reverse of Genesis 2-3. It tries to understand how the change of nature of the world, life, and, mainly, human being, supposedly present in Genesis is, actually part of a theological development which can easily be observed in the *Apocalypse of Moses*. It tries to understand how terms like “paradise” and “fall” came onto us in the very same way of the Genesis reverse.

---

\* Paulo de Lima Portes é mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

**Keywords:** Genesis, Anthropology, Pseudepigrapha, Man, Woman, Paradise, Fall.

## **Introdução**

Difícilmente conseguiremos abordar, com êxito total, a importância de uma visão de mundo para o ser humano. Cada indivíduo, mulher e homem, e cada grupo social, constrói e é construído por sua visão de mundo. No dizer do poeta Vinícius de Moraes, “o operário faz a coisa e a coisa faz o operário”.<sup>1</sup> Enquanto a pessoa constrói a cosmovisão, o mundo já construído ajuda na construção da pessoa.

Quando se fala de cosmovisão, em relação a grupos religiosos, a questão fica um pouco mais acirrada, porque a fé e suas implicações criam um ambiente em que uma visão de mundo é estabelecida como verdadeira e imposta à sua geração e às próximas. Se em todo grupo social isso ocorre, com muito mais veemência e paixão acontece nos grupos religiosos. É verdade que, às vezes, consegue transbordar os limites da religião propriamente dita para toda uma cultura que abre espaços e abraça as propostas da fé, para seu benefício ou sua ruína.

É assim que, ao pensarmos em todo o livro de Gênesis, tomarmos sua primeira parte, capítulos de 1 a 11, depois afunilarmos para os capítulos 2 e 3 (mais apropriadamente, 2.4b-3.24), deparamo-nos com uma riqueza imensa: as raízes da vida como ela é. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, deparamo-nos com a fonte básica de uma produção teológica, que reinventou a vida como ela não é. Bem ali, na passagem de Gn 2 para Gn 3, onde a mulher e o homem se encontram com a serpente no jardim, todo um conteúdo religioso começa a ser delineado, reproduzido e transmitido para sustentação de uma teologia específica, que não atende aos apelos da vida concreta e constrói outra, imaginária, que se torna no avesso daquilo que Gênesis queria transmitir. Tal avesso chega a nós com maior força do que a mensagem que o autor de Gênesis pretendia que se perpetuasse.

### **1. Um pequeno olhar do lado direito**

---

<sup>1</sup> MORAES, Vinícius de. “O Operário em Construção”. In: *Poesia Completa e Prosa: Nossa Senhora de Paris*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

O texto de Gn 2.4b-3.24 pode ser visto de forma resumida, somente o suficiente para se fazer uma diferenciação entre ele e seu avesso, que esse trabalho tem a intenção de demonstrar.

1. Primeiramente a formação do ser humano, *Adam*, a partir da terra agricultável; o plantio de um jardim no Éden, com todas as árvores frutíferas, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal; a colocação do homem nesse jardim para cultivá-lo e guardá-lo, com a ordem de comer de toda árvore do jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal, para que não morresse (2.4b-17).

2. A responsabilidade do homem de dar nome aos animais; a dificuldade encontrada por ele para achar entre os animais uma companheira que lhe fosse compatível; a formação da mulher e o encontro homem/mulher apresentam o contexto que prepara o ambiente para a chegada da serpente e seu diálogo com a mulher (2.18-24).

3. A nudez do homem e da mulher; a serpente, sua apresentação e sua entrada em cena num grande encontro com a mulher no jardim; a recapitulação da ordem de Deus sobre as árvores do jardim e, especialmente, sobre o comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Após o diálogo com a serpente, a mulher come do fruto, e o dá ao marido que também o come. Como resultado, abrem-se os olhos da mulher e do homem que percebem que estão nus e tentam se cobrir com folhas de figueira (2.25-3.7).

4. A vinda de Deus ao jardim para falar com o homem e a mulher; o diagnóstico realizado junto ao homem e à mulher; a palavra de Deus à serpente, à mulher e ao homem, indicando o seu caminho a partir dali (3.8-19).

5. O nome de Eva dado à mulher pelo homem; a vestimenta feita por Deus para o homem e a mulher; o bloqueio do acesso humano à árvore da vida por Deus; a expulsão do jardim (3.20-24).

O resumo acima não segue limites gramaticais nem literários. Tem somente a intenção de colocar o conteúdo de Gênesis 2-3 diante dos nossos olhos, a fim de que alguns pontos nos fiquem absolutamente claros:

1. Em 2.25-3.7 encontramos o eixo de passagem de uma parte para outra. É através dele que se dá uma mudança na situação do homem e da mulher.

Embora as versões da Bíblia apresentem o primeiro verso (2.25) desse texto como fazendo parte do contexto anterior, na verdade ele não faz. Poderia até ser, numa divisão por capítulos e versículos, o verso 1 do capítulo 3. De qualquer maneira, ele é parte integrante do texto por muitas razões.

O texto anterior está bem fechado com a declaração, no verso 24, da razão do texto. O homem deixa pai e mãe para se unir à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Esse é o final do raciocínio da criação da mulher e do encontro do homem com ela. É o verso 25 que prepara o caminho para a chegada da serpente. Os dois estão nus e não se envergonham. Em 3.7, eles continuam nus, mas algo mudou. Eles procuram tecer folhas de figueira para se esconder. O que aconteceu? 2.25-3.7 formam o conjunto que procura responder a essa questão, com a chegada da serpente. A nudez é o assunto. Ela está no início e no final do texto fechando esse conjunto com certo sentido. A serpente que está no jardim é o meio pelo qual o homem e a mulher passam a ver a nudez como algo negativo.

Até o vocabulário hebraico nos ajuda a ligar as partes desse texto para vê-lo como conjunto. Ele nos ajuda a ligar o verso 2.25 com o seguinte, 3.1 e, conseqüentemente, com o restante. A palavra usada para falar que o homem e a mulher estão nus é עֲרוּמִים, *arumim*, a mesma usada para dizer que a serpente é sagaz, עָרוּם, *arum*. A palavra é a mesma, salvo pelas formas plural e singular. A repetição quer nos fazer ver a ligação existente entre os versos, mas muito mais que isso. Quer dar a entender que a serpente sagaz, *arum*, é responsável por fazer o homem e a mulher verem que estão nus, *arumim*. Não só confirma para quem lê que há uma ligação, mas nos diz o que está em jogo, a percepção da nudez, e quem provocou a mudança da visão, a serpente.

2. Sendo esse o texto central para a nossa questão, sendo esse o ponto em que “satanás” entraria em cena no “paraíso”, sendo esse o lugar onde a “queda” ocorreria, sendo essa a oportunidade na qual o “pecado” entraria no mundo, sendo

esse o momento em que mulher e homem mudariam de natureza, então por que, justamente aqui, nada disso ocorre?

Em momento algum vemos aparecer no texto as palavras tão caras à teologia que chegou até muitos de nós, da qual bebemos e na qual nos formamos. Não se vê as palavras “paraíso”, “queda”, “pecado”, nem “satanás”. Também não se vê nas palavras do texto algo que aponte para uma mudança de natureza do homem e da mulher, nenhuma alteração antropológica.

Por mais ingênuo que possa parecer, como o texto é feito de palavras, não é possível introduzir nele idéias que não tenham vindo pelo caminho normal que as trazem para um texto: palavras. Toda idéia, acrescentada ao texto, que não tenha sua origem nas palavras desse texto, é proveniente do intérprete ou de um outro texto onde a outra idéia já esteja presente. Assim, isso nos leva a pensar a respeito do lugar. De que outro texto tais pensamentos vieram? Ou melhor, que outro texto revela a mudança de pensamento ocorrida no decorrer da história e que traduz esse pensamento em palavras, a fim de que possamos lê-las e entendê-las, e no qual possamos encontrar a teologia que nos atingiu tão profunda e pretensamente proveniente de Gênesis, mas que, na verdade, nos veio pelo avesso?

## **2. A construção do avesso**

Como um mundo imaginário foi construído e se tornou quase parte do texto de Gênesis que hoje lemos? Como foi que o texto ficou tão diferente em nossa mente, a ponto de, em alguns casos, se tornar o avesso do que é? Se não é possível detectar toda a caminhada para que tudo isso acontecesse, pelo menos podemos descobrir marcos de valor, que fizeram com que tal texto fosse transmitido do jeito que o sabemos.

Um primeiro marco nessa caminhada vem pelas traduções do texto hebraico, primeiramente para o grego da Septuaginta e, seguindo a essa tradução, para o latim da Vulgata. Como exemplo, podemos tomar o texto hebraico que se refere à formação do jardim no Éden, em Gn 2.8. Simplesmente o texto dizia isso mesmo, que Deus plantou um jardim no Éden, **וַיִּצְמַח יְהוָה בְּעֵדֶן**, e daí partira para a colocação do

*adam* nesse jardim. A Septuaginta traduziu a mesma expressão como παράδεισον ἐν Ἐδεμ, ou seja, um paraíso no Éden. Esse uso da palavra “paraíso” mostra uma transformação do jardim do texto em um paraíso que vai chegar perto das mitologias e dos ideais de outra civilização.

O passo seguinte foi dado pela tradução latina, onde vemos *paradisum voluptatis*. A palavra Éden é interpretada e traduzida por um lugar de delícias. Sendo assim, ficamos com um “paraíso de delícias”. Ainda que a palavra tivesse conotações e possibilidades em outra língua, como a antiga língua persa, o que chegou a nós foi a idéia clara de um local de delícias, um paraíso terrestre, um mundo onde tudo era diferente. Vemos, dessa forma, como um determinado sentido pode ser mudado pela tradução, que é claro, carrega consigo uma interpretação. As transformações semânticas apontam para mudanças de pensamento.

Uma outra maneira de buscarmos marcos que nos guiem no caminho de compreensão a respeito da mudança de sentido e da formação de um mundo imaginário que se sobrepõe ao texto de Gênesis é rastreando textos produzidos posteriormente, que também tratam do mesmo assunto, mas sob outra ótica.

Dois pseudepígrafos importantes sobre o assunto são o “Livro dos Jubileus” e a versão grega da “Vida de Adão e Eva”. Curiosamente, ambos são chamados de “Apocalipse de Moisés”, pois, segundo a tradição, foram revelados a Moisés no monte. Literatura de segundo ou primeiro século a.C., esses livros nos possibilitam enxergar a evolução do pensamento desde Gênesis até os limites entre o primeiro e o segundo testamentos. O terceiro capítulo dos Jubileus apresenta sua própria maneira de entender o homem e a mulher. Contudo, é na “Vida de Adão e Eva” que se encontra o maior número de evidências claras de uma mudança muito importante no pensamento e no conteúdo que Gênesis apresenta.

### **3. O avesso: a Vida Grega de Adão e Eva (VGAE) ou Apocalipse de Moisés<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup> Todas as pesquisas deste capítulo, incluindo a tradução do *Apocalipse de Moisés*, foram realizadas nas seguintes literaturas: MACHO, A. Diez. *Apócrifos Del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristandad, 1983, pp. 317-352; RODRIGUES, Cláudio J. A. *Apócrifos e Pseudepígrafos da Bíblia*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, pp. 839-849; CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday & Company Inc., 1985, pp. 249-295; CHARLES, R.

*Título.* O título *Apocalipse de Moisés* tem sido considerado inadequado por quase todos que abordam esse material. É assim chamado porque todos os manuscritos conhecidos da versão grega traziam a afirmação de que o livro foi revelado a Moisés, quando recebeu as tábuas da lei das mãos do Senhor. Foi transmitido pelo Arcanjo Miguel. Tem sido considerado inadequado porque, embora se aproxime da literatura apocalíptica, não é propriamente um apocalipse e pode se prestar a confusão com o *Livro dos Jubileus*, que ocasionalmente é chamado também de *Apocalipse de Moisés*. O título mais adequado é o da versão latina: *Vita Adae et Evae* (Vida de Adão e Eva), com variações importantes e concordâncias em grande parte do material.

*Autor.* A versão grega bem provavelmente remonta a um original hebraico. O autor parece ser mesmo um judeu (ou judeus), talvez da palestina, embora alguns acreditem que possa ter sido de Alexandria.

*Data.* Quanto à data, há enormes discordâncias e possibilidades que vão, mais freqüentemente, desde o primeiro século a.C. até o quarto século d.C. Contudo, há fortes indícios de uma data em torno do primeiro século a.C. até o ano 70 d.C., não ultrapassando a este. A indicação do uso do material por parte do apóstolo Paulo e das Dêutero-Paulinas em muito contribuiu para que uma data fosse fixada dentro de limites mais rígidos. Há uma suspeita muito difundida de que o apóstolo Paulo e o autor de 2 Enoque participam do mesmo mundo do autor original do *Apocalipse de Moisés* e se movem no mesmo círculo de idéias.

*Gênero Literário.* Já dissemos acima que *Vida Grega de Adão e Eva*, embora seja conhecido desde a edição de Tischendorf (1866) por *Apocalipse de Moisés*, não é muito apocalíptico, embora recorra a alguns temas apreciados por essa literatura. É uma espécie de *Midrash Hagádico* de Gênesis 2-4, adicionado a um *Testamento de Eva*, com uma extensa narração de como ela foi seduzida (15-30), típico de uma

---

H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English*. Oxford: Oxford University Press, 1913, pp. 123-154; ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, pp. 155-158; LEVISON, John R. "Adam and Eve in Romans 1.18-25 and The Greek Life of Adam and Eve". In: *The New Testament Studies*, n. 50, 2004, pp. 519-534; ANDERSON, Gary A., STONE, Michael E. *A Synopsis of the Books of Adam and Eve: Second Revised Edition*. Atlanta: Scholars Press, 1999; STONE, Michael E. *A History of the Literature of Adam and Eve*. Atlanta: Scholars Press, 1992.

literatura que alia edificação e entretenimento. De qualquer forma, o texto é produzido com grande liberdade para fazer as modificações que lhe parecem válidas para expressar as mudanças na vida e no pensamento de quem o escreve em relação ao texto original, no caso, Gênesis.

*Conteúdo Geral.* O texto inicia com a indicação de que é uma revelação recebida por Moisés ao receber as Tábuas da Lei.

*1. Os Filhos de Adão e Eva (I – IV)*

O início da história de Adão e Eva, quando foram expulsos do Paraíso, o nascimento de seus filhos Caim e Abel, aqui chamados também de Adiaphotos, ou Diaphotos (Escuro, opaco, sem luz, ou iluminado, cheio de luz) e Amilabes (não se sabe bem o sentido, talvez uma corrupção de *Eulabes*, piedoso?). A morte, prevista por Eva, de Abel por Caim é seguida pelo nascimento de Seth e mais trinta filhos e trinta filhas.

*2. Enfermidade de Adão e sua Etiologia (V – IX)*

Quando Adão cai doente, chama seus filhos de todas as partes. Eles não entendem sua doença e suas dores, então Adão lhes conta a história da queda, lançando a culpa sobre a mulher, que também aceita que é culpada. A doença e a dor são resultados do pecado. São setenta as pragas, doenças que Deus lançou sobre ele por causa do pecado.

*3. Seth e Eva Vão até o Paraíso em Busca do Óleo Medicinal (X – XIV)*

A pedido de Adão, Seth e Eva vão ao Paraíso em busca de óleo medicinal. No caminho Seth é atacado por uma fera (besta) e Eva se lamenta pelo seu próprio pecado. Numa inversão terrível eles estão dominados pelos animais. Eva grita com a fera que retruca dizendo que a culpa é dela. Por causa de sua desobediência, até a natureza dos animais se modificou. A fera deixa Seth ferido e se vai à sua toca. Deus avisa que o óleo não será dado, senão nos últimos tempos, quando toda a carne ressurgirá e um povo santo será constituído. Terão novo coração e não mais pecarão. Já aí se fala de alma deixando o corpo.

*4. Eva Conta a História do Primeiro Pecado (Testamento de Eva?) (XV – XXX)*

No texto mais longo do livro, sob pressão de Adão, Eva passa a narrar o primeiro pecado. Com mudanças drásticas, ela conta como estava desprotegida e sozinha e, então, foi enganada. Estava longe de Adão que cuidava, num lado do Paraíso, dos animais machos, enquanto ela cuidava noutro lado, das fêmeas. Ainda por cima, Satanás se chegou a ela cantando hinos como um anjo bom, então ela caiu, enganou maldosamente a Adão e ele também caiu. Receberam o castigo das mãos de Deus e foram expulsos do Paraíso. A própria narrativa longa já nos ensina: o peso recai sobre a mulher, mas mesmo ela é vitimizada. A cobiça, o desejo, é a raiz do pecado. O pecado causa a perda da justiça e da glória de Deus.

*5. A Morte de Adão (XXXI e XXXII)*

Mesmo com as súplicas e confissões de Eva, Adão morre, deixa seu corpo e sobe ao céu em espírito.

*6. Súplica dos Anjos para que Adão Seja Perdoado (XXXIII – XXXVI)*

Vários temas apocalípticos aparecem nesses capítulos: o anjo intermediando, um carro de luz levado por quatro águias brilhantes que nenhum nascido de mulher podia descrever o brilho ou olhar para elas, incensários de ouro, incenso, fumaça, sete firmamentos abertos, dois seres misteriosos (etíopes ou negros), que podem ser demônios, chamados de sol e lua, que não têm brilho na presença do Pai das Luzes.

*7. Deus se compadece de Adão (XXXVII)*

Com o som da trombeta, o corpo de Adão é lavado por três vezes no lago, por três horas é depositado na presença de Deus. Depois é entregue a Miguel e transportado ao Paraíso no terceiro céu até o Grande e Terrível Dia.

*8. Cuidados Funerários do Cadáver de Adão (XXXVIII e XXXIX)*

Tudo no Paraíso floresce com a chegada de Deus e seus anjos. Todos dormem, menos Seth, escolhido para ver o que Deus faria.

*9. Sepultura de Adão e Abel no Paraíso (XL e XLI)*

Com todo o cuidado Adão é sepultado e também Abel, cujo corpo havia sido rejeitado pela terra até que o primeiro a ser criado entrasse nela. São sepultados no Paraíso, no lugar onde Deus encontrara o barro para fazê-lo.

#### 10. Morte e Sepultura de Eva (XLII e XLIII)

A sepultura de Adão foi selada. Eva morreu depois de seis dias e pediu para ser sepultada com ele, sendo atendida por Deus. Ela disse: “Toma o meu espírito, ó Deus do Todo!” Em seguida, entregou a Deus a sua alma. Da mesma forma que Adão, Seth e Eva foram sepultados e deve-se sepultar todo ser humano até o Dia da Ressurreição. O luto não deve ser guardado por mais de seis dias. Após isso, deve-se alegrar com o morto porque Deus e os anjos também se alegram.

Michael E. Stone aponta para uma divisão do conteúdo do *Apocalipse de Moisés*, somente em quatro sessões:

Introdução (1.1-5,1)

A busca pelo óleo da vida (5-13)

O Testamento de Eva (14-30)

O perdão e sepultamento de Adão (31-43)<sup>3</sup>

#### 4. As mudanças em relação a Gênesis<sup>4</sup>

Alguns elementos são marcantes e fundamentais na inversão produzida por *A Vida Grega de Adão E Eva* em relação ao Livro de *Gênesis*. No que diz respeito ao nosso enfoque antropológico, seria muito proveitoso mantermos o olhar fixo na concepção de ser humano apresentada.

1. O Paraíso é inexistente em Gênesis, o que existe é o jardim, muito mais parecido com um pomar do que com um Paraíso de perfeição. O Paraíso faz parte do avesso do texto, conforme o pensamento apresentado pela *Vida de Adão e Eva*.

Basta que olhemos um pouco para a palavra גַּן (*gan*, jardim), que aparece em Gn 2-3, para entendermos como uma palavra, uma expressão, um texto, podem ser

---

<sup>3</sup> STONE, Michael E. *A History of the Literature...*, p. 14.

<sup>4</sup> Neste ponto, faço uso de pelo menos quatro grandes autores como base inicial do meu pensamento de Gênesis 2-4: SCHWANTES, Milton. “Projetos em Conflito”. In: *Curso de Verão*. Ano 5. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, pp. 11-25; CROATTO, Severino. *Crear y Amar en Libertad*. Buenos Aires: Ediciones La Aurora. 1986; WESTERMANN, Claus. *Gênesis 1-11*. London: British Library, 1984; BLOOM, Harold, ROSENBERG, David. *O livro de J*. Rio de Janeiro: Imago. 1992.

transformados em outra coisa muito diferente do seu sentido original. O jardim em que Deus colocou o ser humano que havia criado é muito parecido com um pomar, uma horta, um quintal. A palavra jardim até lhe fica bem pela beleza, visão agradável, pela oferta de bons frutos para serem comidos, pelo solo tão bem regado. Se compreendermos os antigos jardins como pomares, onde havia árvores frutíferas de toda espécie, ficaremos próximos do texto, mas mesmo a palavra jardim pode ter suas complicações, caso a romantizemos, colocando ali toda espécie de coisas que nos passe pela mente.

A questão se intensifica quando a palavra “paraíso” é usada para descrever o jardim de Gênesis. Por duas razões muito simples, mas ao mesmo tempo arraigadas na mente, devemos ter cuidado com essa palavra. Primeiramente, ela inexistente no texto hebraico. A palavra não é essa, e a idéia não é essa. Ela passou a existir na versão grega, dos setenta, sendo posteriormente levada para o latim, por Jerônimo, na Vulgata. Em segundo lugar, ela está carregada de sentido teológico. Falar de paraíso é falar de um lugar ideal, no sentido de ser onde reina a perfeição em todas as esferas. A própria natureza é outra, uma supernatureza onde a morte não penetra, onde não há erro, as relações são todas justas e a comunhão com Deus é vibrante. Estar no paraíso, portanto, é estar num estado de equilíbrio total, interna e externamente. Tudo exala o perfume da perfeição.

2. Conseqüentemente, em Gênesis não existe também a Queda. Não se cai de uma posição que nunca se ocupou. Essa é uma interpretação teológica da VGAE. Tem-se uma idéia de por onde se caminhou até chegar a essa dificuldade tão grande para interpretação do Livro de Gênesis. Na verdade, em Gênesis o homem e a mulher não são perfeitos. São o que são. Estão em crescimento assumindo a vida conforme ela lhes aparece pela frente. Logicamente ouvem outras vozes que não são a voz de Deus, mas não deixam de ser quem são, nem mudam a sua natureza.

O paraíso prepara o próximo passo que também tem um peso respeitável para a teologia, a queda. É muito importante notar a freqüência com que alguns escritores usam iniciais maiúsculas para as palavras “paraíso” e “queda”. Isso denota o quanto essas palavras deixaram de ser meras palavras para se transformarem em representações conceituais de um pensamento que modela todo o restante para se encaixar nele. Depois do “Paraíso” e da “Queda”, talvez a única palavra digna de ser

iniciada com maiúscula, para tais teólogos, seja “Redenção”. Fora disso, fica toda a experiência da humanidade em busca de se tornar demasiado humana.

Com o paraíso e a queda em mente, elabora-se uma antropologia baseada na mudança de natureza. Pensa-se que o homem e a mulher mudaram, mas não mudaram simplesmente por causa de sua escolha de outros rumos; eles mudaram de natureza. O olhar negativo, a suspeição que recai sobre o ser humano a partir daí se torna recorrente na teologia. O jardim, pomar, que aponta para o campo, em oposição às cidades, que no Gênesis são tão malignas, agora se tornou um paraíso e mais do que isso, um paraíso teológico. Digo isso como forma de demonstrar como esse mundo imaginário vai se transformando em algo tão palpável, que chega aos limites do real. Porém, cria uma inadequação para o ser humano, uma tensão interna, que o lança para a vida titubeando entre dois pontos: de um lado está o mundo real, como ele é, com suas durezas e sua beleza; de outro lado está esse ser humano que traz em sua mente um mundo imaginário. A tragédia reside no fato de que os dois mundos não combinam.

3. Em Gênesis a morte não passa a existir. Ela existe o tempo todo juntamente com a criação. O texto trabalha com o princípio de que mulheres e homens são mortais e que vão passar pela experiência bem humana de vida, enfraquecimento e morte. A morte não está ligada a uma queda, mas existe tão naturalmente quanto existe a vida. Por ser formado do pó, o ser humano volta a ele, não por ser pecador. Assim como há uma porta de entrada para a vida, pela criação ou pelo nascimento, também há uma porta natural de saída, pela morte. Mas, na VGAE, mulher e homem passam por doenças e por morte em razão do pecado. A sua natureza muda e isso é fundamental para a compreensão antropológica que tal texto carrega. Fora do paraíso, seus corpos funcionam como uma pessoa que deixa o *Shan-gri-lá*. Resistente e jovem dentro do *Shan-gri-lá*, fora dele se decompõe até ao pó. Desse modo, não é de causar espanto que haja tamanha rejeição e tão grande resistência à morte entre os que recebem e adotam o parecer da VGAE quanto ao ser humano.

4. O bem e o mal, tão cruciais para a interpretação que mulheres e homens fazem da realidade e de si mesmos, também são vistos pelo lado direito e pelo avesso, em Gênesis e na VGAE. Bem e mal em Gênesis são muito mais concretos, palpáveis, percebidos e comprovados no mundo. Mesmo assim, Deus não quer que o ser

humano aceite uma divisão da realidade em bem e mal, comendo da árvore que os daria a serem conhecidos. A vida é inteira, um todo, e deve ser vivida assim, com sua beleza e suas lutas. É da árvore da vida que se deve comer. Tudo é a mesma vida. Nós é que a dividimos em bem e mal, certo e errado, bom e ruim, questão ética e moral. Na VGAE, bem e mal ganham uma face muito mais grega, passando a ser um bem e um mal muito mais metafísicos, com Deus e o Diabo como suas representações últimas. Em Gênesis há somente a serpente. Ela não é o diabo, nem está possuída por ele. Somente é sagaz, questiona e seduz. Antes dela, homem e mulher estão nus e não se envergonham. Quando comem do fruto do conhecimento do bem e mal, continuam nus, exatamente como antes, mas se envergonham. O que mudou foi o olhar partido, não a realidade nem a natureza do mundo e do ser humano.

5. Em Gênesis não há homem nem mulher, no sentido da questão de gênero proposta pela VGAE. Quanto mais se procura resolver a questão de gênero, enfatizando uma das partes, tanto mais se evidencia o problema e o agrava. Na VGAE até o Paraíso é dividido todo em masculino e feminino, incluindo os animais, e a mulher está solitária em seu lado feminino do Paraíso. Em Gênesis, a mulher não está sozinha. O homem está bem ao seu lado, a uma distância de um braço que se vira para lhe dar do fruto. Em todo o tempo o homem é responsabilizado e se cala, omite-se, enquanto a mulher busca a vida. O que a VGAE faz é “corrigir” essa situação de modo a lançar sobre a mulher a culpa e enfatizar a questão de gênero. Homem e mulher aceitam que é assim, no texto, então culpam e ficam culpados. É clara a maneira como a VGAE retira o homem da área de culpa em que a mulher se move e a deixa sozinha para pecar. Posteriormente, ela engana arditosamente ao homem para que ele também coma do fruto do conhecimento do bem e do mal. Não é sem razão que esta é a maior parte do livro da *Vida Grega de Adão e Eva*.

Com esses exemplos da literatura pseudepigráfica podemos ter um vislumbre do que aconteceu com o texto de Gênesis até que chegasse a nós. Com as modificações sofridas pelo árduo caminho que nos permitiu receber o texto, nossos olhos e ouvidos tiveram contato com uma outra palavra. Essa palavra fez muito mais do que ocultar do leitor o sentido do livro. Ela levou o leitor a imaginar um mundo e um ser humano que nunca existiram, nem no passado nem no presente. Sobre isso foi produzida uma teologia presa a conceitos que não a deixam enxergar nem o ser

humano, nem o mundo em que ele está. Contrariamente a todas as evidências que as ciências das religiões podem nos ajudar a encontrar no ser humano, tal teologia dogmatiza, cria doutrinas sobre o que não pode ser comprovado. O prejuízo é evidente para a concepção antropológica de homens e mulheres que, lendo o texto de Gênesis, não apreendem mais o seu sentido, mas o seu avesso.

## BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Gary A., STONE, Michael E. *A Synopsis of the Books of Adam and Eve: Second Revised Edition*. Atlanta: Scholars Press, 1999.

BLOOM, Harold, ROSENBERG, David. *O livro de J*. Rio de Janeiro: Imago. 1992.

CHARLES, R. H. *The Apocripha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English*. Oxford: Oxford University Press. 1913, pp. 123-154.

CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday & Company Inc., 1985, pp. 249-295.

CROATTO, Severino. *Crear y Amar en Libertad*. Buenos Aires: Ediciones La Aurora. 1986.

LEVISON, John R. "Adam and Eve in Romans 1.18-25 and The Greek Life of Adam and Eve". In: *The New Testament Studies*, n. 50, 2004, pp. 519-534.

MACHO, A. Diez. *Apócrifos Del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Crisandad, 1983, pp. 317-352.

RODRIGUES, Cláudio J. A. *Apócrifos e Pseudepígrafos da Bíblia*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, pp. 839-849.

ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Edições Paulinas. 1980, pp. 155-158.

SCHWANTES, Milton. "Projetos em conflito". In: *Curso de Verão*, ano 5. São Paulo: Edições Paulinas. 1991, pp. 11-25.

STONE, Michael E. *A History of the Literature of Adam and Eve*. Atlanta: Scholars Press. 1992.

WESTERMANN, Claus. *Gênesis 1-11*. London: British Library. 1984.